

NARRATIVAS DE NATUREZA E COLONIZAÇÃO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A LITERATURA DA AMAZÔNIA E A LITERATURA INGLESA/NORTE-AMERICANA

Camila de Nazaré Colares da Costa
<https://orcid.org/0009-0008-5498-9754>
E-mail: camila.calculadora10@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N1>
DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N1-16>

RESUMO: A literatura comparada permite analisar os diálogos entre diferentes tradições literárias e suas representações culturais, históricas e sociais. Neste estudo, investiga-se a relação entre a literatura da Amazônia e a literatura inglesa/norte-americana, com foco na forma como esses textos abordam a natureza, a identidade e a colonização. A pesquisa parte da hipótese de que, apesar das diferenças contextuais, há pontos de convergência na maneira como os escritores utilizam a paisagem como elemento simbólico, constroem personagens que transitam entre culturas e problematizam os impactos do colonialismo. A metodologia adotada consiste na análise comparativa de obras-chave dessas tradições, incluindo *Galvez, Imperador do Acre* (Márcio Souza), *Chove nos Campos de Cachoeira* (Dalcídio Jurandir), *Coração das Trevas* (Joseph Conrad) e *Moby Dick* (Herman Melville). A abordagem teórica fundamenta-se nos estudos pós-coloniais e na teoria da literatura comparada, considerando autores como Edward Said, Mary Louise Pratt e Édouard Glissant. Os resultados indicam que a literatura amazônica representa a floresta como um espaço ativo, carregado de significados culturais e identitários, enquanto na literatura anglófona a natureza é frequentemente retratada como um cenário de conquista e exploração. Além disso, os textos amazônicos enfatizam a oralidade e a memória coletiva como formas de resistência ao apagamento cultural, aspecto menos presente na tradição anglófona, onde a identidade tende a ser construída por meio da crise existencial e da alienação. A pesquisa contribui para os estudos literários ao evidenciar como diferentes tradições constroem narrativas sobre identidade e território, ampliando o debate sobre as relações entre cultura, espaço e poder.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura comparada. Identidade. Colonização. Amazônia. Literatura anglófona.

NARRATIVES OF NATURE AND COLONIZATION: A COMPARATIVE STUDY BETWEEN AMAZONIAN LITERATURE AND ENGLISH/NORTH AMERICAN LITERATURE

ABSTRACT: Comparative literature enables the analysis of dialogues between different literary traditions and their cultural, historical, and social representations. This study investigates the relationship between Amazonian literature and English/North American literature, focusing on how these texts portray nature, identity, and colonization. The research is based on the hypothesis that, despite contextual differences, there are convergences in how writers use landscapes symbolically, construct characters who navigate between cultures, and address the impacts of colonialism. The methodology involves a comparative analysis of key works from both traditions, including *Galvez, Imperador do Acre* (Márcio Souza), *Chove nos Campos de Cachoeira* (Dalcídio

Jurandir), *Heart of Darkness* (Joseph Conrad), and *Moby Dick* (Herman Melville). The theoretical framework is grounded in postcolonial studies and comparative literature, drawing on scholars such as Edward Said, Mary Louise Pratt, and Édouard Glissant. Findings indicate that Amazonian literature represents the rainforest as an active space rich in cultural and identity-based meanings, whereas in Anglophone literature, nature is often depicted as a site of conquest and exploitation. Additionally, Amazonian texts emphasize oral tradition and collective memory as resistance to cultural erasure, a feature less prevalent in the Anglophone tradition, where identity is frequently constructed through existential crises and alienation. This study contributes to literary studies by highlighting how different traditions construct narratives of identity and territory, broadening discussions on the intersections of culture, space, and power.

KEYWORDS: Comparative literature. Identity. Colonization. Amazon. Anglophone literature.

INTRODUÇÃO

A literatura comparada é um campo de estudo que busca analisar as relações entre diferentes tradições literárias, permitindo compreender como distintos contextos históricos, culturais e sociais influenciam a produção de narrativas. Esse enfoque interdisciplinar possibilita não apenas a identificação de semelhanças e contrastes entre as obras, mas também a reflexão sobre os diálogos entre culturas e a forma como determinados temas são abordados por escritores de diferentes partes do mundo. No caso específico deste estudo, propõe-se uma análise comparativa entre a literatura da Amazônia e a literatura inglesa/norte-americana, observando como cada uma delas constrói representações sobre a natureza, identidade e colonização.

A literatura da Amazônia é marcada por uma relação intensa com o ambiente natural, sendo este frequentemente retratado não apenas como cenário, mas como um elemento ativo nas narrativas. Autores como Márcio Souza, Dalcídio Jurandir e José Veríssimo exploram a floresta amazônica como um espaço de encontros e conflitos culturais, onde os personagens lidam com as complexidades da vida na região. Nessas obras, a natureza é frequentemente apresentada como um território de resistência, seja no enfrentamento às forças coloniais e econômicas, seja na preservação das tradições culturais dos povos indígenas e ribeirinhos. Essa abordagem se diferencia significativamente das representações da natureza na literatura inglesa e norte-americana, onde o meio ambiente pode assumir conotações diversas, desde o ideal romântico de comunhão com a terra até à visão de um espaço a ser conquistado e explorado.

Na tradição anglófona, a natureza também desempenha um papel central, mas frequentemente é tratada a partir de uma perspectiva distinta. Em *Walden* (1854), Henry David Thoreau reflete sobre a vida em contato com a natureza como um ato de libertação pessoal e resistência ao mundo industrializado. Já em *O Último dos Moicanos* (1826), de James Fenimore Cooper, a paisagem americana é retratada como um espaço de embate entre culturas indígenas e colonizadoras, enfatizando tanto a beleza quanto a brutalidade da conquista territorial. Essa visão contrasta com a literatura amazônica, na qual a floresta é mais do que um pano de fundo para os conflitos humanos, sendo um elemento essencial da identidade cultural e social dos personagens.

Além da representação da natureza, a questão da identidade e da colonização emerge como um tema relevante na comparação entre as literaturas analisadas. A literatura amazônica frequentemente denuncia os impactos do colonialismo sobre as populações indígenas e caboclas, destacando as dinâmicas de exclusão e resistência. Em *Galvez, Imperador do Acre* (1976), Márcio Souza satiriza a presença estrangeira na Amazônia, revelando a complexidade das relações entre os interesses econômicos e a população local. De maneira semelhante, Dalcídio Jurandir, em *Chove nos Campos de Cachoeira* (1978), retrata as desigualdades e dificuldades enfrentadas pelos ribeirinhos, questionando as estruturas de poder que perpetuam a marginalização dessas comunidades.

Por outro lado, a literatura inglesa e norte-americana também explora a questão colonial, mas muitas vezes a partir da ótica do colonizador. Em *Coração das Trevas* (1899), Joseph Conrad apresenta uma visão crítica do imperialismo europeu na África, refletindo sobre a brutalidade do colonialismo e os dilemas morais enfrentados pelos agentes coloniais. Da mesma forma, *Moby Dick* (1851), de Herman Melville, pode ser lido como uma alegoria da exploração humana sobre a natureza e os povos subjugados, onde a busca obsessiva pelo poder e pela dominação leva à destruição. Essa abordagem sugere um olhar introspectivo sobre os processos de colonização, muitas vezes revelando suas contradições e consequências.

A identidade cultural é outro aspecto fundamental na análise comparativa entre essas literaturas. Enquanto os autores amazônicos constroem personagens que vivenciam a fusão de culturas indígenas, africanas e europeias, na literatura inglesa e norte-americana predominam narrativas que refletem a tensão entre a tradição e a modernidade,

entre o pertencimento e a alienação. Essa diferença pode ser observada, por exemplo, na valorização da oralidade na literatura amazônica, que remete às formas tradicionais de transmissão do conhecimento nas comunidades indígenas e ribeirinhas. Em contrapartida, na literatura anglófona, a construção da identidade muitas vezes ocorre por meio da crise existencial e do questionamento da própria civilização ocidental.

Diante desses aspectos, este estudo tem como objetivo analisar como a literatura amazônica e a literatura inglesa/norte-americana abordam a natureza, a identidade e a colonização, destacando suas semelhanças e diferenças. Para isso, serão utilizados textos de referência dessas tradições literárias, examinando como os escritores constroem suas narrativas e quais estratégias discursivas empregam para representar suas realidades culturais. A metodologia adotada é a análise comparativa, que permite estabelecer diálogos entre os textos e compreender como cada um deles reflete e ressignifica os temas centrais da pesquisa.

A pesquisa será conduzida a partir de um enfoque interdisciplinar, combinando elementos da crítica literária, da teoria pós-colonial e dos estudos culturais. A teoria pós-colonial, em particular, será fundamental para compreender as representações do colonialismo e da resistência nas obras analisadas, sendo amparada por autores como Edward Said e Mary Louise Pratt. A análise da construção da identidade também se beneficiará das contribuições de teóricos como Édouard Glissant, que discute a noção de identidade relacional e os processos de hibridização cultural.

Dessa maneira, este estudo visa contribuir para o campo da literatura comparada, ampliando a compreensão sobre as formas de representação da natureza, da identidade e da colonização em diferentes tradições literárias. Ao estabelecer um diálogo entre a literatura amazônica e a literatura inglesa/norte-americana, busca-se evidenciar como esses textos refletem e reinterpretam realidades diversas, promovendo um debate sobre as relações entre cultura, território e poder.

A REPRESENTAÇÃO DA NATUREZA E DO ESPAÇO NA LITERATURA

A literatura tem sido um espaço privilegiado para a construção de imaginários espaciais e para a representação da natureza como elemento simbólico e narrativo. No

contexto amazônico, a floresta assume um papel fundamental na constituição de identidades e na resistência cultural, aparecendo como protagonista em diversas narrativas. Paralelamente, na literatura inglesa e norte-americana, a natureza é frequentemente associada à ideia de um espaço de confronto, introspecção ou exploração. A comparação entre esses dois universos literários permite evidenciar as diferenças de perspectiva e os discursos subjacentes às narrativas sobre o território e o meio ambiente.

A literatura da Amazônia não reduz a floresta a um mero pano de fundo, mas a transforma em um organismo vivo e autônomo. Souza (1976), em *Galvez, Imperador do Acre*, insere a floresta como agente histórico, um espaço que não apenas abriga, mas também molda os acontecimentos. O autor demonstra como o ambiente amazônico se torna um campo de disputa política, econômica e cultural, evidenciando as relações de poder que atravessam a região. Essa perspectiva contrasta com as narrativas europeias que frequentemente retratam territórios tropicais como espaços vazios, prontos para serem explorados. Nesse sentido, Souza desconstrói a visão colonialista ao apresentar a Amazônia não como um território inexplorado, mas como um espaço repleto de histórias, personagens e conflitos.

Jurandir (1978), em *Chove nos Campos de Cachoeira*, reforça essa perspectiva ao construir uma narrativa em que a floresta é inseparável da identidade cabocla. Os personagens, ao longo da obra, não apenas habitam esse espaço, mas também são moldados por ele. O ambiente amazônico não surge como um cenário estático, mas como uma entidade dinâmica que influencia comportamentos e trajetórias. Essa abordagem difere da visão romântica da natureza, típica de algumas narrativas ocidentais, nas quais o espaço natural frequentemente assume um caráter metafórico ou contemplativo. Em vez disso, a literatura amazônica insere a floresta como elemento essencial na constituição de subjetividades e relações sociais.

Na literatura anglófona, a natureza também assume um papel central, ainda que sob perspectivas distintas. Thoreau (1854), em *Walden*, propõe uma visão transcendentalista da paisagem natural, na qual o isolamento na floresta representa um retorno ao essencial. Para o autor, a natureza oferece um refúgio da artificialidade da vida urbana, funcionando como um espaço de regeneração espiritual e intelectual. Segundo ele, "fui para os bosques porque queria viver deliberadamente, encarar apenas os fatos

essenciais da vida e ver se não poderia aprender o que ela tinha a ensinar". Essa abordagem, embora carregue um discurso de resistência ao progresso materialista, ainda pressupõe um distanciamento entre o sujeito e a natureza, ao contrário da literatura amazônica, em que a floresta é parte indissociável da existência dos personagens.

Já *O Último dos Moicanos*, de Cooper (1826), explora a natureza como um espaço de fronteira, onde ocorrem disputas entre culturas indígenas e colonizadores europeus. A floresta, nesse romance, é palco de confrontos e embates ideológicos, funcionando como um território de transição entre a civilização europeia e a alteridade representada pelos povos originários. Diferentemente da literatura amazônica, em que a floresta é um espaço de pertencimento, na obra de Cooper a paisagem assume um caráter instável, sendo constantemente redefinida pela presença dos colonizadores. Assim, a natureza na literatura norte-americana frequentemente aparece associada à ideia de conquista, ao passo que, na literatura amazônica, ela se consolida como resistência.

A visão de espaço como um elemento relacional é discutida por Glissant (2005), que enfatiza a importância de compreender os territórios colonizados a partir de suas interações culturais e históricas. Segundo ele, "o espaço não pode ser interpretado de forma isolada, pois é sempre o resultado de encontros, deslocamentos e interações". Essa perspectiva é essencial para analisar a literatura amazônica, que constantemente desafia a ideia de um território passivo e homogêneo, apresentando-o como um espaço dinâmico, repleto de múltiplas camadas de significação. A floresta, longe de ser um cenário fixo, aparece como um ambiente que resiste à dominação e que desempenha um papel ativo na formação das subjetividades.

A relação entre espaço e identidade também se manifesta na forma como diferentes literaturas constroem mitos e símbolos associados à natureza. Enquanto na tradição ocidental a paisagem frequentemente serve como metáfora para a condição humana, na literatura amazônica a floresta se impõe como uma entidade autônoma. Souza (1976) subverte essa tradição ao apresentar a Amazônia não como um espaço a ser explorado, mas como um território historicamente habitado e politicamente disputado. Esse contraste fica evidente ao se comparar com a visão de Cooper (1826), que descreve a natureza americana como uma fronteira em constante expansão, destinada à ocupação e à transformação pela civilização europeia.

A literatura tem sido um instrumento essencial para questionar a representação do espaço e da natureza. No caso amazônico, os romances analisados demonstram como a floresta não pode ser reduzida a um cenário exótico ou inóspito, mas deve ser compreendida como um ambiente que influencia ativamente os personagens e os eventos narrados. Na tradição anglófona, embora existam autores que reconhecem a força simbólica da paisagem, muitos ainda reforçam um olhar de dominação e apropriação. A literatura comparada, portanto, permite uma análise crítica dessas representações, evidenciando as diferenças de perspectiva e os discursos subjacentes às narrativas sobre a natureza.

O estudo das representações do espaço na literatura revela como diferentes tradições narrativas constroem e ressignificam o ambiente natural. A literatura amazônica enfatiza a floresta como um elemento ativo, enquanto a literatura anglófona frequentemente a retrata como um espaço de transição ou confronto. Essas distinções refletem não apenas concepções distintas de território, mas também formas divergentes de compreender a identidade e a história. Dessa forma, a literatura torna-se um espaço privilegiado para a contestação de discursos hegemônicos, permitindo que diferentes narrativas sobre a natureza e o espaço sejam reconhecidas e valorizadas.

A literatura comparada permite analisar as múltiplas formas pelas quais diferentes tradições narrativas constroem e ressignificam a natureza e o espaço. No caso da literatura amazônica, a floresta é um agente ativo, um território que determina os rumos dos personagens e impõe desafios sociais, culturais e políticos. Já na literatura inglesa e norte-americana, o espaço natural assume, muitas vezes, a função de metáfora para a condição humana ou de cenário de confronto entre civilização e alteridade. A forma como cada tradição representa o ambiente revela perspectivas distintas sobre identidade, pertencimento e resistência.

A literatura da Amazônia resiste à ideia de que o território amazônico é apenas um espaço a ser desbravado ou conquistado. Em *Galvez, Imperador do Acre*, Souza (1976) apresenta a floresta como um espaço de disputa, onde múltiplos interesses convergem. O ambiente não é um pano de fundo passivo, mas um campo de forças que impacta a trajetória dos personagens e influencia a narrativa. Essa abordagem subverte a concepção colonialista que historicamente retratou a Amazônia como uma região vazia,

à espera da ocupação europeia. Segundo Glissant (2005), os territórios colonizados precisam ser compreendidos em sua complexidade, pois não são meros espaços geográficos, mas sim locais de memória, resistência e relações culturais dinâmicas.

Ao contrário da abordagem exploratória, a literatura amazônica insere a floresta como um elemento de identidade, essencial para a construção da subjetividade de seus personagens. Jurandir (1978), em *Chove nos Campos de Cachoeira*, reforça essa perspectiva ao mostrar como a natureza molda os indivíduos que nela vivem. O protagonista não apenas habita esse ambiente, mas é moldado por ele, evidenciando a relação orgânica entre homem e espaço. Esse aspecto contrasta com a visão da natureza como refúgio individualista, presente em *Walden* (Thoreau, 1854). Para Thoreau, a fuga para a floresta representa uma oportunidade de introspecção e renovação espiritual, mas essa concepção ainda está fundamentada na ideia de que a natureza é um espaço externo ao sujeito, um lugar de reencontro pessoal, e não de pertencimento intrínseco.

A literatura anglófona, sobretudo no contexto norte-americano, apresenta a natureza muitas vezes como um território de fronteira. Em *O Último dos Moicanos*, Cooper (1826) descreve a floresta como um cenário de confronto entre diferentes grupos, simbolizando o embate entre civilização e "barbárie". Esse tipo de narrativa reflete um imaginário imperialista, no qual o território deve ser conquistado e ordenado pela presença europeia. Esse olhar se distancia da visão amazônica, na qual a floresta não é um espaço a ser dominado, mas sim um elemento que impõe sua lógica sobre aqueles que a habitam.

A forma como cada tradição literária constrói o espaço natural reflete, em grande parte, os diferentes processos históricos vividos por essas sociedades. Enquanto a literatura amazônica enfatiza a resistência da floresta e dos povos que nela vivem, a literatura anglófona frequentemente apresenta a natureza como uma fronteira a ser superada. Glissant (2005) argumenta que os espaços colonizados foram narrados a partir de perspectivas externas, que tentavam impor uma lógica de dominação e apagamento das culturas locais. A literatura amazônica desafia essa narrativa ao apresentar a floresta como uma entidade própria, que resiste à lógica colonial.

Outro aspecto relevante na análise comparativa das representações da natureza é a forma como a memória e a identidade se relacionam com o espaço. Na literatura

amazônica, a floresta não é apenas um elemento físico, mas também um espaço de memória coletiva. Souza (1976) insere em sua narrativa elementos históricos e culturais que reforçam a ideia de que a Amazônia não pode ser reduzida a um espaço selvagem e inexplorado. Ao contrário, a floresta carrega consigo uma longa história de ocupação, cultura e resistência.

Na literatura norte-americana, essa relação entre memória e espaço se manifesta de forma distinta. Faulkner (1929), em *The Sound and the Fury*, utiliza o ambiente sulista dos Estados Unidos para explorar a decadência da aristocracia e as tensões raciais que marcam o passado do país. O romance evidencia como o espaço carrega os traumas históricos e sociais de uma sociedade em crise. Essa perspectiva se diferencia da abordagem amazônica, na qual a floresta, apesar de ser um território de disputa, não é apenas um cenário de ruína, mas também um espaço de resiliência.

O contraste entre essas visões revela como a literatura pode ser um instrumento poderoso para questionar as narrativas hegemônicas sobre o espaço e a identidade. Na tradição amazônica, a floresta desafia a lógica da exploração e se impõe como uma entidade que resiste à dominação. Na literatura anglófona, a natureza frequentemente assume um papel de obstáculo ou de espaço de confronto. Essas diferenças refletem as dinâmicas históricas e sociais que moldaram essas produções literárias.

Além disso, a literatura comparada permite identificar pontos de convergência entre essas diferentes tradições. Se por um lado a literatura anglófona muitas vezes reforça uma visão de conquista do espaço, por outro, autores como Thoreau (1854) e Faulkner (1929) questionam essa lógica e propõem novas formas de compreender a relação entre sujeito e ambiente. A valorização da natureza como elemento de identidade e resistência é um aspecto que, em diferentes graus, aparece tanto na literatura amazônica quanto na anglófona.

A análise das representações da natureza na literatura revela não apenas diferentes concepções sobre o espaço, mas também as ideologias subjacentes a essas narrativas. A floresta amazônica, para Souza (1976) e Jurandir (1978), não é um cenário passivo, mas sim um território vivo, que impõe suas próprias regras e desafia a lógica colonialista. Na literatura anglófona, embora existam autores que problematizam a relação entre sujeito e natureza, ainda prevalece, em muitas narrativas, a visão da paisagem como um espaço a

ser dominado.

Essas distinções são fundamentais para entender como a literatura se articula com processos históricos mais amplos. A forma como um determinado espaço é representado reflete não apenas as experiências individuais dos autores, mas também as estruturas de poder e os discursos que moldam a percepção da realidade. Dessa forma, a literatura comparada não apenas permite identificar diferenças e semelhanças entre diferentes tradições narrativas, mas também possibilita uma reflexão mais ampla sobre os impactos da colonização, da memória e da identidade na construção dos espaços literários.

A literatura continua a desempenhar um papel crucial na ressignificação do espaço e da natureza. Ao explorar as representações da floresta amazônica e da paisagem na literatura anglófona, percebe-se como essas narrativas refletem concepções distintas de identidade, pertencimento e resistência. Enquanto a literatura amazônica reforça a ideia de que o território é um agente ativo na construção das subjetividades, a literatura anglófona frequentemente apresenta a natureza como um espaço de confronto ou superação. Esses contrastes demonstram como diferentes tradições literárias constroem suas próprias versões do espaço, revelando, por meio da ficção, as tensões e os conflitos que moldam as sociedades.

A literatura comparada, portanto, permite uma leitura crítica dessas representações, evidenciando os discursos que sustentam as diferentes abordagens do espaço. A floresta amazônica e a paisagem anglófona não são meros cenários, mas elementos fundamentais para a compreensão das dinâmicas culturais e históricas que atravessam essas narrativas. Com isso, a literatura se afirma como um meio essencial para questionar, resistir e reconstruir os imaginários sobre o espaço e a identidade.

COLONIZAÇÃO E IDENTIDADE NA LITERATURA

A colonização e a identidade na literatura são temas recorrentes que refletem as tensões entre os discursos de dominação e as formas de resistência cultural. A literatura tem sido um espaço de disputa simbólica no qual diferentes perspectivas sobre o colonialismo são articuladas, seja pela reafirmação dos valores colonizadores ou pela subversão das narrativas hegemônicas. Autores como Conrad (1899) e Melville (1851)

exploram os efeitos da colonização e os impactos da alteridade na formação das identidades nacionais e individuais. A análise dessas obras à luz da teoria pós-colonial permite compreender como a literatura desempenha um papel central na construção de imaginários sobre o império, a marginalidade e a resistência.

A literatura colonial frequentemente constrói um olhar exógeno sobre os territórios ocupados, criando imagens que reduzem os povos colonizados à alteridade radical. Conrad (1899), em *Coração das Trevas*, problematiza essa visão ao narrar a experiência do império a partir do olhar europeu, expondo a brutalidade da colonização, mas ainda reforçando a ideia de que a África representa um espaço de mistério e selvageria. Said (2007) argumenta que essa construção da alteridade colonial na literatura europeia foi fundamental para a legitimação do projeto imperialista, pois apresentava o colonizado como um ser inferior, necessitado de civilização e progresso.

A relação entre colonialismo e identidade também se manifesta na literatura marítima. Em “*Moby Dick*”, Melville (1851) utiliza o espaço do mar como metáfora para os conflitos de poder, exploração e subjugação. O navio Pequod pode ser lido como uma alegoria do império, onde diferentes culturas e identidades coexistem sob o comando de uma liderança autoritária. Pratt (1992) ressalta que a literatura de viagem desempenhou um papel essencial na construção do imaginário colonial, apresentando o mundo desconhecido como um espaço a ser explorado e dominado. Nesse sentido, Melville questiona as dinâmicas de poder presentes nas grandes navegações e no expansionismo ocidental.

A literatura da Amazônia, por sua vez, assume um papel de resistência ao discurso colonial. Diferente da narrativa europeia que representa o território amazônico como um espaço de mistério e desordem, autores brasileiros como Souza (1976) e Jurandir (1978) retratam a floresta como um ambiente vivo, onde a cultura local se manifesta e se impõe. A relação entre espaço e identidade se torna evidente na forma como a natureza e os personagens interagem, rompendo com a ideia de que a Amazônia é um território vazio ou subdesenvolvido.

A construção ideológica da paisagem também influencia a forma como as narrativas coloniais representam os territórios ocupados. Besse (2006) analisa como a paisagem não é apenas um reflexo da realidade geográfica, mas uma construção cultural

que carrega valores políticos e ideológicos. Na literatura colonial, a paisagem frequentemente aparece como um espaço hostil ou inexplorado, reforçando a noção de que o território precisa ser conquistado e domesticado. Esse olhar está presente tanto na literatura europeia quanto na norte-americana, que frequentemente retrata a natureza como um desafio a ser superado.

A identidade dos povos colonizados, na literatura, é moldada a partir do olhar do colonizador, muitas vezes de forma distorcida. Said (2007) destaca que a literatura europeia construiu um imaginário sobre o Oriente e as colônias que não correspondia à realidade dos povos ali representados. Esse fenômeno é visível em *Coração das Trevas*, onde a África é descrita como um lugar primitivo, sem história e sem identidade própria. No entanto, a narrativa de Conrad também sugere uma crítica ao imperialismo, ao retratar o impacto destrutivo da colonização sobre os colonizadores, revelando que a violência do império corrompe tanto os dominados quanto os dominantes.

Na literatura amazônica, a identidade dos personagens é construída a partir de uma relação orgânica com o espaço. Diferentemente da literatura colonial, que apresenta os povos indígenas e ribeirinhos como figuras passivas, as narrativas amazônicas os colocam como protagonistas de suas próprias histórias. Souza (1976) e Jurandir (1978) oferecem um contraponto às narrativas coloniais, ao representar a Amazônia como um território de resistência, onde as tradições locais persistem apesar das tentativas de apagamento cultural.

A questão da identidade na literatura pós-colonial não se limita à resistência cultural, mas também envolve um processo de ressignificação da história. Pratt (1992) discute como as narrativas pós-coloniais reescrevem as histórias do passado para desafiar os discursos coloniais e reivindicar a agência dos povos antes marginalizados. Esse processo pode ser observado em escritores como Saramago (1984), que, em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, revisita a história portuguesa para questionar os mitos fundadores da nação e desconstruir os discursos autoritários.

O colonialismo não apenas impôs uma estrutura de dominação política e econômica, mas também moldou as subjetividades dos povos colonizados e colonizadores. A literatura é um espaço privilegiado para a reflexão sobre esses processos, pois permite a construção de narrativas alternativas que desafiam as versões

oficiais da história. Melville (1851) e Conrad (1899) exploram as contradições do império e revelam as tensões entre a civilização e a barbárie, mas ainda a partir de um olhar eurocêntrico. Já os escritores amazônicos constroem suas narrativas a partir de uma perspectiva interna, reafirmando a agência dos personagens e questionando os discursos de poder.

A literatura comparada permite evidenciar as continuidades e rupturas na forma como o colonialismo e a identidade são representados em diferentes contextos. Enquanto a literatura europeia e norte-americana frequentemente reforça a alteridade dos povos colonizados, a literatura amazônica propõe uma visão em que os sujeitos locais são protagonistas de suas próprias histórias. Esse contraste revela não apenas diferentes perspectivas sobre o colonialismo, mas também a forma como a literatura pode ser um instrumento de resistência cultural.

A questão da identidade na literatura colonial e pós-colonial é complexa e multifacetada. As narrativas do império frequentemente retratam os colonizados como figuras exóticas e primitivas, enquanto as literaturas de resistência buscam resgatar a memória e a cultura desses povos. Conrad (1899) e Melville (1851) demonstram as ambiguidades da colonização, expondo tanto a violência do império quanto suas contradições internas. Já Souza (1976) e Jurandir (1978) oferecem uma visão de dentro da Amazônia, desafiando as representações externas e reafirmando a identidade cultural local.

A literatura tem um papel fundamental na construção da memória e da identidade dos povos colonizados. As narrativas que desafiam os discursos coloniais contribuem para a construção de novas perspectivas sobre a história e a cultura. A literatura amazônica, ao apresentar a floresta como um espaço de resistência e identidade, contrasta com as narrativas coloniais que a retratam como um território a ser conquistado. Essas diferentes abordagens demonstram como a literatura pode ser tanto um instrumento de dominação quanto uma ferramenta de emancipação cultural.

A análise comparativa das representações da colonização e da identidade revela as múltiplas formas pelas quais a literatura pode construir e desconstruir discursos de poder. A literatura europeia e norte-americana frequentemente projeta a identidade do outro a partir de um olhar exógeno, enquanto a literatura amazônica reivindica uma

perspectiva interna e autônoma. Essa tensão entre diferentes narrativas reflete não apenas os conflitos históricos do colonialismo, mas também as disputas simbólicas que continuam a moldar as identidades nacionais e culturais na contemporaneidade.

A análise da identidade na literatura colonial e pós-colonial exige uma abordagem que contemple não apenas as representações do colonizado e do colonizador, mas também as estratégias narrativas empregadas para construir e desconstruir essas figuras. Na literatura europeia e norte-americana, o discurso colonial frequentemente reduz os povos nativos a categorias exóticas ou subalternas, reforçando um imaginário de inferioridade e dependência (Said, 2007). Esse padrão pode ser observado em *Coração das Trevas* (Conrad, 1899), onde a África é apresentada como um espaço de caos e selvageria, um "vazio" simbólico a ser preenchido pela civilização ocidental. Essa construção, como observa Pratt (1992), não apenas legitima a dominação imperialista, mas também define os limites da identidade do próprio europeu, que se vê em oposição à alteridade representada pelo outro.

A literatura da Amazônia, por sua vez, emerge como um espaço de contestação desse discurso hegemônico. Enquanto a tradição colonial retrata a floresta como um território inóspito e ameaçador, obras como *Galvez, Imperador do Acre* (Souza, 1976) e *Chove nos Campos de Cachoeira* (Jurandir, 1978) apresentam a Amazônia como um ambiente vivo, repleto de relações sociais e culturais complexas. Nessa perspectiva, a identidade amazônica não é construída em oposição à civilização ocidental, mas sim a partir de uma interação dinâmica entre diferentes influências, incluindo as culturas indígenas, ribeirinhas e europeias. A narrativa dessas obras resgata uma perspectiva interna sobre o território, promovendo uma ressignificação da história e das relações de poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparativa entre a literatura amazônica e a literatura anglófona revelou semelhanças e diferenças marcantes. A natureza, a identidade e a memória são elementos centrais em ambas as tradições. No entanto, a forma como são representados varia de acordo com o contexto histórico e cultural. A literatura não apenas reflete essas

realidades, mas também as constrói e as problematiza.

Na literatura amazônica, a floresta não é apenas um cenário. Ela é um personagem ativo, influenciando o destino das comunidades que nela vivem. Em obras como as de Márcio Souza e Dalcídio Jurandir, a Amazônia aparece como espaço de resistência e identidade. Na tradição anglófona, a natureza também ocupa lugar de destaque. Autores como Thoreau e Cooper exploram a relação do homem com o meio ambiente. Contudo, a abordagem difere. Enquanto na literatura amazônica a floresta é um território de pertencimento, na literatura anglófona ela é frequentemente representada como um desafio a ser superado.

A colonização é outro ponto de convergência entre as literaturas analisadas. Na literatura amazônica, a experiência colonial é retratada a partir da perspectiva dos povos locais. A violência da colonização e seus impactos culturais são temas recorrentes. Autores como Souza e Veríssimo destacam a resistência das populações indígenas e caboclas. Já na literatura anglófona, a narrativa colonial aparece, muitas vezes, sob a ótica do colonizador. Em *Coração das Trevas*, Conrad expõe as contradições do imperialismo europeu. Em *Moby Dick*, Melville questiona as hierarquias e as relações de poder nos espaços marítimos.

A memória também desempenha papel fundamental na construção dessas narrativas. Na literatura amazônica, a tradição oral é um elemento estruturante. Os mitos e as histórias transmitidas entre gerações preservam a identidade cultural da região. Esse fenômeno se assemelha ao modernismo anglófono, onde a fragmentação da memória e a desconstrução da narrativa linear se tornaram marcas estilísticas. Eliot, em *The Waste Land*, utiliza colagens de vozes históricas para criar um mosaico de significados. Já Faulkner, em *The Sound and the Fury*, explora a fragmentação da memória para expor os dilemas históricos do sul dos Estados Unidos.

A comparação entre essas literaturas revelou que, apesar das diferenças, há um diálogo contínuo entre as tradições. A literatura é um espaço de resistência, reflexão e questionamento. Tanto na Amazônia quanto na tradição anglófona, os escritores utilizam a narrativa para problematizar o passado, discutir a identidade e reavaliar as representações da história.

Ainda assim, algumas limitações do estudo devem ser consideradas. A seleção das obras se baseou em critérios representativos, mas há outras narrativas que poderiam enriquecer a análise. A literatura indígena contemporânea, por exemplo, tem trazido novas perspectivas sobre identidade e resistência. Autores como Daniel Munduruku e Eliane Potiguar ampliam esse debate, trazendo a voz dos povos originários para o centro da discussão. Futuros estudos poderiam incorporar essas produções para oferecer uma visão mais abrangente da literatura amazônica.

Outro ponto que merece aprofundamento é a recepção das obras em diferentes contextos. Como as narrativas amazônicas são lidas fora do Brasil? Como *Coração das Trevas* e *Moby Dick* são interpretados por leitores de diferentes tradições? Compreender essas recepções permitiria um olhar mais dinâmico sobre a interação entre literatura e sociedade. A maneira como as obras são lidas e reinterpretadas ao longo do tempo pode revelar aspectos importantes sobre sua relevância e impacto cultural.

O estudo da literatura comparada se mostra, portanto, um instrumento valioso para ampliar horizontes críticos. Ao analisar diferentes tradições literárias, torna-se possível entender não apenas as especificidades de cada uma, mas também suas conexões. A literatura amazônica, ao se relacionar com tradições globais, ganha novos significados. Da mesma forma, a literatura anglófona pode ser relida sob novas perspectivas, considerando os desafios e questionamentos que emergem de outros contextos.

Dessa forma, esta pesquisa contribui para os estudos literários ao propor uma abordagem comparativa que evidencia o diálogo entre culturas. O aprofundamento dessas questões pode levar a novas reflexões sobre o papel da literatura na construção de identidades. A literatura continua a evoluir, estabelecendo novas conexões e ressignificando discursos. Manter essa perspectiva comparativa é essencial para compreender melhor o papel das narrativas na sociedade e na preservação da memória cultural.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**: Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra: Seis Ensaio sobre a Paisagem e a Geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 2000.

CONRAD, Joseph. **Coração das Trevas**. Londres: Blackwood's Magazine, 1899.

COOPER, James Fenimore. **O Último dos Moicanos**. Nova York: H.C. Carey & I. Lea, 1826.

GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

HUTCHEON, Linda. **A Poética do Pós-modernismo**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos Campos de Cachoeira**. São Paulo: Editora Ática, 1978. MELVILLE, Herman. **Moby Dick**. Nova York: Harper & Brothers, 1851.

PRATT, Mary Louise. **Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation**. Londres: Routledge, 1992.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SAID, Edward. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. SOUZA, Márcio. **A Expressão Amazonense**. Manaus: Valer, 2000.

SOUZA, Márcio. **Galvez, Imperador do Acre**. Rio de Janeiro: Record, 1976.

THOREAU, Henry David. **Walden ou A Vida nos Bosques**. Boston: Ticknor and Fields, 1854.

Submissão: setembro de 2025. Aceite: outubro de 2025. Publicação: janeiro de 2026.